

LINHAS TORTAS NA HISTÓRIA: LEITURAS SOBRE A MESA DE LUIZ WERNECK VIANNA

Marcelo Diana

Doutor em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Iesp/Uerj). Atualmente professor de História do Departamento de Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG), *campus* Ouro Preto.

RESUMO

Depoimento de Marcelo Diana sobre memórias envolvidas em uma mesa que contou com participação do grande intelectual e sociólogo Luiz Werneck Vianna.

Palavras-chave: Luiz Eduardo Soares; Werneck Vianna; depoimentos pessoais.

ABSTRACT

Marcelo Diana's tribute about memories involved in a seminar that included the participation of the great expert/sociologist Luiz Werneck Vianna.

Keywords: Marcelo Diana; Werneck Vianna; tributes.

Um dos grandes temas da reflexão de Luiz Werneck Vianna consiste na busca por interpretações da sociedade brasileira, ou melhor, em procurar na nossa imaginação histórica repertórios de ação sobre o tempo presente. É de se esperar que esse tipo de reflexão elenque não apenas os campos de estudo de Werneck Vianna, mas também deixe ver a posição em que suas operações políticas e intelectuais tomam lugar na história. Nesse sentido, assumindo junto com ele essa perspectiva, dialogar com o Werneck Vianna é, de modo muito especial, tomar conhecimento da sua obra, como também realizar parte dela no presente, implicando-se em sua realização.

E a relação do presente com o passado brasileiro tornou-se, sem dúvida, a confluência privilegiada da reflexão de Werneck Vianna. Não qualquer tipo de interpretação do passado pelo presente, mas aquela que buscasse contextualizar as ações dos atores sociais diante dos desafios do seu tempo. De que modo a carga do que veio antes de nós se impõe e nos permite moldar o que se apresenta no aqui e agora? Essa pergunta coloca uma interrogação sobre como nos apropriamos do passado, como compreendemos e convocamos nossas tradições sociais. Evitando qualquer tipo de pecado original ou fatalismo que nos privasse de arbítrio – como Werneck Vianna bem pontuou em uma de suas aulas no antigo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj) a respeito da grande obra de Raimundo Faoro –, assumir o peso do passado é compreender que o presente é construído, singularmente, sobre o acúmulo de ruínas, de monumentos sedimentares, de espectros, que tensionam as estruturas do nosso tempo atual.

Esse tipo de reflexão sofisticada que encara o passado a partir da sua fenomenologia no presente poderia parecer paradoxal para um marxista, como se encaminha, em diversos aspectos, as interpretações de Werneck Vianna. Todavia, não o é. Recordo-me, em uma das nossas reuniões de orientação, quando eu ainda fazia o mestrado em Ciência Política no Iuperj, que em sua sala, na Rua da Matriz, sempre repousavam diversos livros nas prateleiras, nas estantes, sobre o computador e em cima da mesa. Naquela salinha branca, com quadros de revolucionários, acumulava-se uma biblioteca. Em uma das nossas reuniões, pude notar um título inusitado sobre a sua mesa: a obra do filósofo alemão Martin Heidegger, *Ser e tempo*, publicada em 1927.

Nessa obra, o pensador alemão buscou resolver a relação existencial entre a formação da consciência subjetiva e os fundamentos do tempo a lhe definirem socialmente. Examinava-se ali o que permitia determinados entes existirem socialmente. Nessa reflexão de cunho filosófico, mas essencialmente metassociológico, Heidegger lidou com diferentes questões a respeito do ser. Ou seja, distinguindo-se da tradição hegeliana que entendia o ser em seu aspecto histórico absoluto e universal, Heidegger propunha uma concepção temporal da existência. A facticidade e a mundaneidade importam para a concepção da existência do ente enquanto realidade.

Além das condições particulares da existência do ente, que o diferenciam e o limitam em face de outros entes, há também a dimensão social da sua existência. Isso não implica dizer, genericamente, que o ser humano seja identificado como um animal social, mas que a sua existência é percebida por meio de um conjunto de sentidos associados ao mundo-da-vida. O modo como interpretamos, construímos, mantemos ou deslocamos os sentidos no mundo expressa os limites e as projeções do nosso tempo, portanto, apontam para onde repousam as nossas tradições, como arrimo de apoio e circunstância da nossa época.

Por fim, esse limite, que define o ente e a sua interpretação, também é delimitado pela morte, isto é, a certeza de que em data incerta o que é ser irá se findar. A finitude da existência é o que permite que as projeções sobrevivam para além delas mesmas. Sem consciência da morte, para finalizar essa brevíssima apresentação de Heidegger em *Ser e tempo*, as tradições não existiriam como urgência e projetos. Reivindicá-las no presente, nesse sentido, é reclamar pelo apoio de outros tempos, de outros entes, sobre os limites da nossa existência.

Na outra ponta da mesa, como intelectual incansável na tarefa de interpretar a sociedade brasileira, Werneck Vianna parece não poupar elementos para nos levar à compreensão da formação dos sujeitos sociais na nossa história. Menos que seguindo a trilha de tipos ideais, como aparecia, em um primeiro momento, na ensaística de Sergio Buarque de Holanda, notadamente em sua obra *Raízes do Brasil*, publicada em 1933, a reflexão de Werneck Vianna propõe compreender, precisamente, a relação do tempo com o ser social. Como aquele aspecto da vida social – os desafios do presente em face das forças do passado – determinava e era interpelado pelo ator contemporâneo. O tempo, na leitura werneckiana, não se constitui apenas em uma referência cronológica passada, mas em campo de batalha política sobre o qual os atores disputavam ordens sociais no presente. Aliás, a menção a Sérgio Buarque de Holanda ganha maior brilho, justamente, para lembrar que um dos ensaios mais singulares de Werneck Vianna, o conjunto de textos *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*, publicado em 1977, foi premiado, em 1997, pela Fundação Biblioteca Nacional, na categoria Ensaios – que recebia o nome daquele sociólogo paulista –, justamente pela sua importante contribuição à ensaística brasileira.

Assim como os ensaios, os textos de conjuntura assinados por Werneck Vianna se caracterizam por mais que exercícios de avaliação política. Eles representam a ação política do autor, na arena das ideias e da organização social, ao intimarem o presente com questões de linhagem histórica. Suas análises de conjuntura são obra da circunstância, mas também da elaboração e intervenção do seu autor, enquanto voz pública, na arena dos acontecimentos. Nesse sentido, avesso ao historicismo estagnante, a história, nas suas análises, constitui-se em uma fonte de perguntas e intervenção possível para os desafios e qualidades da sociedade brasileira contemporânea. Poderíamos estar, para sintetizar em uma imagem ousada, diante de um historiador *gauche*, de perfil libertário e jacobino (Vianna, 2012).

Para minha formação, como seu rebelde orientando por oito anos, foi a partir do contato cotidiano, seja em disciplinas que frequentei, seja nas reuniões de orientação que tive, ou mesmo nos encontros fora dos muros do Iuperj e, tempos depois, no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp) e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), que a visão de história e da sua respectiva relação com os diferentes sujeitos sociais foi se descortinando como uma exímia chave de leitura política e sociológica em diferentes níveis. Esse aprendizado, sem sombra de dúvida, devo ao professor Werneck Vianna. Como ele reconstruiu, em sua conferência de encerramento no seminário organizado em torno da criação da Cátedra Luiz Werneck Vianna, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF):

Eu não nasci, meus queridos jovens aqui presentes, para me tornar por vocação, por desejo, nome de Cátedra universitária. Eu queria ser um dirigente político, um republicano das ruas, um tribuno da plebe: era essa a minha natural vocação (Vianna, 2012, p. 474).

Ou, ainda, como recupera Maria Alice Rezende de Carvalho, em sua intervenção naquele seminário:

Há algum tempo, falando no curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Largo São Francisco, Luiz Werneck Vianna afirmou que jamais tivera a sorte de escolher um tema ou um problema sobre o qual quisesse realmente se debruçar por meses, talvez anos, como é usual entre pesquisadores de todas as áreas do conhecimento. Pensava que, no seu caso, os problemas é que o encontravam e, uma vez descoberto, não lhe davam descanso, impondo-lhe uma rotina e dele exigindo algum resultado (Carvalho, 2012, p. 17).

Como uma convocação, intimar, portanto, a ação do tempo sobre as mentes e ações dos sujeitos nas suas interações sociais implica entender a história também como um ator político. Robert Wegner (2012), em seu ensaio publicado na coletânea *Uma sociologia indignada: diálogos com Luiz Werneck Vianna*, confere devido destaque para a dimensão do ator e das forças do tempo na ensaística do homenageado, denominando, então, a interpretação produzida por Werneck Vianna como uma “intranquila teoria”. Como uma teoria voltada para a ação, segundo Wegner, a respeito da obra de Werneck Vianna, as “suas interpretações nunca dizem respeito apenas aos fatos, mas sempre envolvem os ‘atores’, seja como estes os leem, seja como agem sobre eles e, ainda, como podem fazê-lo” (Wegner, 2012, p. 95).

Voltando, por um momento, a outro tempo, Werneck Vianna, de certo modo, em sua formação junto com outros intelectuais à esquerda, interpretava a história partindo de suas condições e conflitos materiais, porém afastando-se de qualquer evolucionismo econômico, tão presente no pensamento social marxista nas décadas de 1960 e 1970. Influenciados por uma leitura da história PCBista, sobremaneira impregnada nesse período, essa corrente

evolucionista do marxismo enxergava a história a partir de etapas que deveriam ser vencidas ou superadas para a realização do projeto reformista da sociedade do trabalho. Contemporâneo de outros intelectuais, reunidos em torno da publicação da *Revista Civilização Brasileira*, a partir da segunda metade da década de 1960, Werneck Vianna concebia, contudo, a história de maneira mais complexa e menos linear (Santos, 1999). Os recuos e as contradições da nossa sociedade, incluindo-se o caráter conservador da nossa modernização, não seriam percebidos como desvios que deveriam ser acertados, mas, em leitura oposta, como determinantes históricos singulares que, sim, demandavam entendimento e interpretação da sua lógica particular.

O tema do moderno brasileiro se realizava, assim, histórica e politicamente de maneira distinta aos modelos ocidentais francês e americano. Nossa modernização vincula o nacional ao mundo dos negócios, o agrário ao mercado liberal, o moderno ao campo das elites, em profundas contradições que insurgem contra todas as possibilidades teóricas organizadas. Talvez, por isso, Werneck Vianna, em suas obras, assim como em suas aulas, reforçava a necessidade de se buscar entendimento sobre o aparente caos da prática, em especial, a partir do regime militar e pós-ditatorial, “porque as mudanças, não só nas coisas do mundo, nos fatos do mundo, mas as mudanças nas formas como nós conversamos também foram imensas. Precisamos [...] criar um novo repertório moral e mental para esse mundo que aí está na sua radical novidade” (Vianna, 2012, p. 478).

É tema, portanto, recorrente na reflexão de Werneck Vianna, derivado da análise gramsciana do *risorgimento* italiano, aquela particular modernização passiva que se atualiza em outros contextos, entre nós, transfigurando outros dilemas, como, por exemplo, suscitado em sua análise acerca da expansão do agronegócio no Brasil, proferida, à época, nos anos 2000, em um país de acreditada rotina democrática:

Esse círculo virtuoso, salvo no que se refere à questão da democratização social – onde há política por trás, políticas públicas, intervenção do Estado –, acaba operando ao largo, à margem, *por cima* da política: como se realizasse o protagonismo dos fatos, com o ator inerte. Processos de incidência profunda que alteram a nossa história, a nossa sociedade, que a transfiguram em outra coisa, como, por exemplo, o agronegócio; que se aprofunda, que se reitera, como se fosse uma manobra dos *fatos*, como se tivessem assistindo manifestações livres dos fatos (Vianna, 2012, p. 477).

As linhas tortas da nossa história oferecem previsão e perspectiva acerca das opções de intervenção disponíveis para nós no tempo presente. A história, entretanto, não deve ser lida como uma página em branco ou mesmo um campo neutro. As contradições históricas demandam ser percebidas e interpretadas tendo, como princípio de interesse, a democracia como valor político universal. Quero dizer com isso que as lentes de Werneck Vianna ampliam a fragilidade e, por isso mesmo, a urgência do fundamento democrático na nossa vida

republicana, a fim de “escorar um projeto político e social com a população organizada, com a população informada. Mas é isso que temos?” (Vianna, 2012, p. 477), indaga ao fim. Ou seja, embora aquele protagonismo dos fatos parecesse se guiar inexorável sobre outras forças sociais, Werneck Vianna oferece um respiro – como em suas pausas de fala ao vivo – a nos sinalizar que

[...] se perscrutarmos direito esse processo, vamos ver que atrás desse protagonismo dos fatos esteve um ator que destravou todos os obstáculos existentes – sociais, políticos e econômicos – ao andamento autopoiético da economia, para que ela viesse a operar como agora opera. Essa mudança radical de natureza catastrófica começou no regime militar, foi ele que preparou as bases da indústria, no campo, nos serviços, para este capitalismo que aí está. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) foi criação deles, a conquista do oeste foi uma intervenção política deles [...] (Vianna, 2012, p. 477).

De modo que, em sua interpretação, a “consulta à história [...] não pode ser evasiva. Ela tem que ter direção [...]” (Vianna, 2012, p. 478). Compreender as bases conservadoras das nossas revoluções não era finalidade, mas meio a partir do qual se pode iluminar as matrizes democráticas que se apresentam na história. Recuperando a elucidativa imagem da sociologia das religiões weberiana em sua fala de encerramento para aquele seminário em Juiz de Fora (MG), imagem que tantas vezes fora colocada em diálogo, por Werneck Vianna, nos seus cursos que frequentei no Iuperj, “a tal da metáfora do guarda trilhos, feita por Weber, é verdadeira nesta hora de crise: é preciso abrir passagem, criar oportunidade, alternativas, para que o nosso trem – já que estou em Minas – possa passar” (Vianna, 2012, p. 478). Seja por meio de partidos políticos, organizações da sociedade civil ou, como mais detidamente analisou, pelas vias do campo jurídico – com destaque para o papel social dos magistrados no Brasil pós-ditadura –, a democracia, como valor político essencial, revela, para Werneck Vianna e dele conosco, que a interpretação não é apenas obra de leitura, mas registro material de intervenção política. A história se torna, ela também, caminho, ainda que torto, de ação política.

Referências

- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Textos, contextos e um Brasil. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando. *Uma sociologia indignada: diálogos com Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012. p. 17-45.
- SANTOS, Raimundo. Resenha de A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil. *Perspectivas*, São Paulo, n. 22, p. 283-289, 1999.
- VIANNA, Luiz Werneck. Conferência de encerramento. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando. *Uma sociologia indignada: diálogos com Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012. p. 469-478.

WEGNER, Robert. A intranquila teoria de Luiz Werneck Vianna. *In*: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando. *Uma sociologia indignada: diálogos com Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012. p. 95-113.

 10.17771/PUCRio.DDCIS.69082